





le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

FRANCISCO MANGABEIRA

HOSTIARIO

« Ahi, nessa Cathedral do Amôr,
o sacerdote pagão celebra a Missa
Negra, ajoelhado diante da imagem
de Nossa Senhora da Belleza, nua,
coroada de pânpanos e côm o ce-
ração varado pelas sete espadas do
Ciume... »

BAHIA .
IMPRENSA MODERNA
Rua de S. Francisco, 29

1898

HOSTIARIO

AO MEU QUERIDO MESTRE

Mucio Feireira

*que, não contente em ser Horácio, quiz
tambem ser Mecenas.*

DONA LAURA

I

Os versos que ora, cuidadoso, escrevo
São Vossos, Linda Mulher em flor...
Assim procedo, porque não devo
Falar em prosa do meu amor.

Nelles procuro vasar minh'alma
—Berço de sonhos e de esperanças.
Dar uma idéa da luz tão calma,
Que resplandece nas Vossas Tranças..

Entoar hymnos às lentejoulas
Dos Vossos Olhos, onde a alvorada
Reluz, e aos Labios cor das papoulas,
E à Doce Fala Cadenciada.

Cantar a Vossa Belleza, o Vosso
Riso, que tanto me faz scismar
Glorificar-Vos. o que não posso
Fazer, Senhora, sem Vos amar.

Assim os versos modestos, que ora
Tenho ante os olhos, são um tributo
A Vòs, tributo, que, humilde embora,
Exprime o quanto padêço e lucto.

São Vossos! Como já tenho dito,
Nelles minh'alma, tremula, canta
Os meigos psalmos dum só bemdito,
Graças rendidas à mesma Santa.

Para que nelles melhor exprima
Tudo que sinto no coração,
Accendo a Estrophe na luz da Rima,
E accendo a Rima na Inspiração!

Encho de quadros a galeria
Esplendorosa do pensamento,
Prestando ouvidos à symphonia,
(Que entôa a ave do sentimento.

De extravagantes, raros perfumes
Embriagado, vejo ante os olhos
Phosphorescencias de vagalumes,
Praias desertas, negros escolhos.

Entre esses quadros um ninho eu vejo
Onde pipilam dois colibris.
Dentro em minh'alma cresce o desejo.
E este desejo faz-me feliz.

Muitas loucuras nelles eu pinto. .
Vê-se por isto que na cabeça
Alguma coisa de estranho sinto.
Della a Vossa Alma se compadeça!.

Quero que destes versos se aufira
Tudo nuns traços firmes, Senhora,
E só por isso dourei a lyra
Que o Vosso Nome Celeste doura.

Vou relatar-Vos a minha vida.
Escrevo-a, em puros zelos a arder,
Para a escutardes. rindo, Querida,
Quando eu com Vosco, chorando, a ler.

II

QUANDO viestes, os passarinhos
Cantaram, e houve pelos cyprestes
Cheiros de flores, vozes de ninhos,
Quando viestes.

Quando sorristes, houve alvoradas
Dentro das almas negras e tristes.
Vieram ao mundo milhões de fadas,
Quando sorristes.

Quando cantastes, as violetas
Tambem cantaram por sobre as hastes...
Nasceram rosas e borboletas,
Quando cantastes.

Senhora, ao ver-Vos uma alegria
Senti, e fortes senti meus nervos...
Achei mais brilho na luz do dia,
Senhora, ao ver-Vos.

Quando morrerdes o ethereo mundo
Ficará cheio de astros; os verdes
Campos—vasios; e eu—moribundo
Quando morrerdes.

III

ACCORDEI hontem de madrugada.
No céo, qual numa concha de Ophir,
A estrella d'Alva, triste e magoada,
Brilhava; chammias ardiam pelas
Nuvens; e as outras todás estrellas
Eram topasios a refulgir.

A ultima sombra morreu; no espaço
Eu já não via sangue tremer.
E o sol — immenso medalhão de aço,

Surgiu, radiando vibrantemente,
Em meio á grande forja candente.
Que parecia se derreter.

Quando a alvorada fugiu, ancioso,
Ao firmamento puz-me a falar :
« Onde o diadema santo e glorioso
Desta rainha gloriosa e santa,
Que, assim que a loira frente levanta,
Transforma o espaço num grande altar? »

Disse uma nuvem, nos ares: — Ella
Partiu. quem sabe se volta mais?
Talvez que nesta radiosa umbella
Não mais a vejas, de trança solta.
Timidamente, surgir envolta
Em labaredas, ouro e coraes. »

Fiquei pensando, tristonho e mudo.
Para onde iria todo o fulgor
Da soberana, que no velludo

Do manto—joias de fogo ostenta,
E que ante os olhos se me apresenta
Qual uma santa sobre um andor.

Então me lembro que os resplendores
Da madrugada, que me seduz,
Tendes nos Olhos Deslumbradores
E Irradiantes; por isso agora
Vos vejo sempre na luz da aurora,
E vejo a aurora na Vossa Luz.

IV

Sois tão formosa, tão decantada
Qual uma fada
De olhares meigos e fronte loura,
Que andasse pelas
Regiões celestes, minha Senhora.

As Vossas Tranças — eu julgo vel-As
Cheias de estrellas,
Em uma chamma fascinadora.
Estou sem vista
De tanto olhal-As, minha Senhora.

E, embora longe de mim exista
Essa luz mixta
Da Vossa Trança, que tudo doura,
Ella o meu peito
Reduz a cinzas, minha Senhora.

E que contraste vivo, perfeito
Com o triste aspeito
Da minha face meditadora!
Ah! Sois um ninho
Junto a um cypreste, minha Senhora.

Sem ter ao menos vista, caminho,
Tardo e sosinho,
Por uma estrada negra e traidora:
Pois os meos olhos
Cegam sem ver-Vos, minha Senhora.

O sol se esconde, vendo os abrolhos
Desses escolhos,
E os deixa em treva contristadora:

Pois o sol brilha
Nos Vossos Olhos, minha Senhora.

As flores pendem, e a mancenilha
Tambem se humilha
E perde a essencia provocadora;
Pois só ha cheiros
Na Vossa Carne, minha Senhora.

Os passariuhos alviçareiros
Fogem ligeiros
Dessa paragem assombradora
Pois só ha cantos
Nos Vossos Labios, minha Senhora.

Tambem se somem esses encantos,
Que enchem de prantos
A minha fronte padecedora;
Pois só ha queixas
No Vosso Rasto, minha Senhora.

Palpitam minhas pobres endeixas
N'Estas Madeixas
Da Vossa Fronte Deslumbradora.

..

Si ha no meu peito noites escuras,
Luzem auroras frescas e puras
No Vosso Peito, minha Senhora.



São os Seus Olhos côr da esperança,
Côr da descrença meus olhos são.
Ella é a môça feita criança,
Eu sou o môço feito ancião!

São duas flores verdes e cheias
Do orvalho frio das madrugadas.
São como os olhos destas sereias,
Que habitam grutas illuminadas.

Oceanos, onde vejo singrando
Os loiros barcos das illusões,
Que vão nas aguas mansas deixando
Incandescentes constellações.

Tambem os Olhos Divinos d'Elle
Como os oceanos são bem traidores;
Calmos. e logo vem a procella,
Quebrando as barcas dos meus amores.

São arrogantes, fortes, altivos,
Têm uma chamma de endoudecer
Fazem os mortos ficarem vivos
E dão-me alentos para vencer

Num cemiterio negro repousa
Minha pobre alma desamparada,
E para que ella se erga da lousa
Bastam os Olhos da minha Amada.

Pór uma estrada tortuosa e escura
Ha muito tempo seguindo vou,
E, vendo os astros em meio a altura,
Cuido que uns Olhos fitando estou.

Quando Ella passa, meu peito canta
Uma poesia, que assim termina:
«Que Vossos Doces Olhos de santa
Fuljam na noite da minha sina!

Que Vossos Olhos de luz tão calma
Me banhem sempre num frouxo luar,
Para que possa viver minh'alma,
Para que eu possa ressuscitar!»

VI

As minhas crenças são passarinhos.
Voavam logo de manhã cedo
Pelos caminhos.
E o sol dizia:—Não tendes medo
Destes espinhos?

Elles, alegres, como respostas
Soltavam doces threnos, voando
Pelas encostas.
E eu, com receios, ia gritando:
Nada de apostas!

Tinham nas azas todas as côres.
Teciam suas bocas os cantos
 Mais seductores.
Vendo-os, morriam, cheias de encantos,
 As proprias flores

Nas manhãs frescas iam aos prados
Beijar as rosas, beijar os lirios
 Immaculados.
E então que beijos e que delirios
 De namorados!

Tinham a graça das borboletas.
Quando arrufavam, cantando, as pennas
 Irrequietas,
Deixavam loucas as açucenas
 E as violetas.

Partiam cedo para a floresta
E vinham, quando tombava o dia,
 Cheios de festa.

VII

Mãos de princeza, Mãos Delicadas,
Alabastrinas, Leves e Puras.
Têm a apparencia de caprichadas
Cinzeladuras.

Não As pintára, com preciosas
Tintas, em louças — um japonéz...
Só As faria quem fez as rosas
E os lirios fez.

A's vezes julgo vel-As voando
Placidas, como dois passarinhos:
E sinto dentro da alma cantando
Milhões de ninhos.

Se acaso durmo, doira-me o somno
Um sonho mesmo de enfeitiçar,
Pois sou por Ellas levado a um throno
Ou a um altar.

Depois eu julgo — que engano! — tel-As
Na minha fronte que se povôa
De luz e mostra grupos de estrellas
Como corôa.

Ninguém no mundo se queixa ou soffre,
Vendo Estas Joias de carne e olôr,
Que têm a santa chave do cofre
Do meu amor.

São duas finas taças de prata,
Que alguma fada desconhecida
Enche dum forte vinho, que mata
E que dà vida.

Tambem recordam duas caçoulas,
Que estão perfumes a desprender
Um casalzinho branco de rôlas,
No alvorecer.

Supporto angustias fundas, crúcientes,
Vendo esses mimos encantadores
Em meio aos homens— e tão distantes
Das outras flores.

Se hão de murchal-As os desenganos,
Agasalhai-As junto de mim.
Que a alma dum poeta de dezoito annos
Lembra um jardim.

De muito longe bebo esse aroma,
Que Ellas exhalam continuamente.
E a dôr que sinto—ninguem a doma,
—Ninguem a sente.

Ellas retratam a largos traços
O Vosso Peito Piedoso e São.
Eu vejo, ao vel-As, em dois pedaços
Um coração.



VIII

TODA de preto me parecia
Uma viuva triste e queixosa.
Nos seus olhares brandos havia
Uma tristeza casta e sombria,
Uma tristeza mysteriosa.

Lembrei-me, ao vel-a, dessas figuras,
Que vagam sempre nos cemiterios,
Durante as longas noites escuras,
Mostrando os sulcos das amarguras
Nos rostos brancos, magros, funereos.

Eu via em torno della bailando,
Macabramente, luzes phosphoreas.
Altos cyprestes lamuriando,
E uns agoureiros môchos pousando
Por sobre as hirtas cruces marmoreas.

Estava em prantos; era a primeira
Vez que chorava; seu meigo rosto
Dir-se-ia o rosto de alguma freira.
Tinha a brancura fria da cera
E as doces nevoas dum ceo de Agôsto.

Era uma rôla. porem sem ninho.
Era uma estrella. mas sem fulgores.
Não tinha pennas. . . o passarinho.
Não tinha aromas. o rosmaninho.
O jardim murcho. não tinha flores.

E ella chorando, meu Deus, emquanto
No mundo as outras sorrindo eu vejo!

Seccai, Senhora, todo este pranto,
Doire a sua alma divino encanto,
Na sua boca palpite o beijo!

Qual é a rola que não tem ninho?
Não ha estrella sem resplendores,
Precisa de azas — o passarinho,
Como de aromas — o rosmaninho,
E como toda mulher — de amores.

A Vós de certo não me refiro,
Pois a desgraça não Vos conhece.
E se eu dissesse qual o retiro
Onde ella mora? Rosa que admiro,
Que me dirieis, se eu Vos dissesse?

IX

Sois uma fina
Nuvem divina,
Que me arrebatá, num arrebol.
A's plagas, onde canta a alvorada,
Qual uma fada,
Noiva do sol.

E subo. e subo.
Nevoas derrubo,
Rasgando as vestes azues do ceo...

Em cima os astros, embaixo o mundo
Sob um profundo,
Pesado véo.

Vejo nos ares
Brandos luáres,
Tremulas chammas, flores de luz.
Vejo alvoradas esplendorosas,
Faces de rosas
E corpos nús.

Entôa cantos
Doces e santos
O alado grupo dos serafins.
Em mãos nevadas soluçam lyras,
Voam saphiras,
Ardem rubins.

Contemplo agora
Nossa Senhora
Por uma escada de ouro a descer

Em grupo, as santas rezam baixinho...

E eu, tão sosinho,
Sempre a Vos ver.

Cantam as almas
Puras e calmas
Das criancinhas, cheias de amôr.
Esta á alvorada mais se assemelha,
Outra a uma abelha,
Outra a uma flôr.

Sobem incensos
Pelos immensos
Paços risonhos e sideraes.
Fogem. e, como nossas chimeras
Das outros eras,
Não voltam mais.

Eu, deslumbrado,
Fico parado,
Absortamente, na vastidão.

E, como o espaço, tem resplendores
Deslumbradores
— Meu coração.

A luz do sonho
Nutro, risonho,
Na alma repleta de amor e fé..
Escuto risos pelos espaços,
Tremor de braços,
Beijos até.

Rio-me, e, enquanto,
Cego de espanto,
Pelos espaços vôo a cantar,
Abandonais-me, tranquilla e pura,
E eu pela altura
Rolo a gritar

X

Eu sou um Novo Christo, Senhora!
Estou ha muito crucificado,
E vejo a plebe provocadora
Cuspir-me o rosto martyrisado.

Andei cahindo por uns caminhos
Accidentados, tendo na testa
Uma corôa feita de espinhos.
Oh! Não ha magoa que valha esta!

Ha muito tempo subo chorando
O agro calvario da minha vida,
Grandes feridas nos pés mostrando,
Mostrando a face toda ferida.

Interminaveis são os meus dias,
Os meus minutos parecem annos.
Jesus não teve taes agonias,
Taes desesperos, taes desenganos.

Vós sois a nova Virgem Maria!
Vossa Figura Santificada
Transforma em chammas a pedra fria,
E torna a chamma petrificada.

Tendes nos Olhos brancos incensos,
O Vosso Rosto lembra uma Igreja.
Mundos e mundos tremem suspensos
De Vossos Labios cor de cereja.

A's vezes penso que vejo estrellas
Na Vossa Fronte, que tudo encanta.
Se Vos coroam assim é que ellas
Julgam-Vos uma formosa santa

Vossa candura me revigora,
Por Vós eu soffro, por Vós existo.
Ah! tambem sede Nossa Senhora
Para o poeta, que é o Novo Christo!.



XI

SE Dona Laura soubesse quanto
 Soffro por Ella,
Que, em a não vendo, soluço—e canto
 Feliz. ao vel-A

Que, quando durmo, subito accordo
 A soluçar,
Que um negro barco me leva bordo
 Num negro mar

Que, ao sonhar, vejo funereas luzes
A' cabeceira,
E penso em campas, ossos e cruzes
A' noite inteira.

E então A vejo, como eutoando
Uma canção,
Ir de violetas alcatifando
O meu caixão.

Ergo-me numa tristeza infinda,
Olhando o espaço.
E cuido vel-A cantando ainda,
E ouço-Lhe o Passo.

Depois se some numa apothese
De astros a flux,
Abrindo os Olhos para que eu gose
De melhor luz.

Se Ella soubesse que, quando vago
 Por estas ruas,
De encontro ao peito meu sonho esmago
 Em ancias cruas.

Que soffro muito, sem um consolo
 Achar sequer,
E que de dores em dores rolo,
 Porque Ella o quer. .

Que sinto dentro de mim a morte
 Ou a loucura,
E que só vejo mais feliz sorte
 Na sepultura.

Se Ella soubesse que é o motivo
 Da minha dôr,
Me tornaria de morto--vivo,
 Com Seu Amor.

Não sabe. .E agora, lendo estes versos
Cheia de magua,
Trará os Olhos Verdes immersos
Em gottas de agua.

E talvez diga, Tristonha e Molle :
— « E' poeta, mas
Soffre, e não acha quem o console.
Pobre rapaz ! »



XII

Eu sei que os homens sorriem todos
Do meu amor.
Mas, Dona Laura, como são doudos
Os homens todos,
Que vivem rindo do meu amor!

Elles supõem 'que eu mesmo illudo
Meu coração.
Se se illudisse 'na terra tudo
Como eu illudo,
Oh Dona Laura, meu coração!

Talvez não saibam que no meu peito
Nada mais ha
Alem dum morto, que achou o leito
Neste meu peito,
Dona Laura, onde nada mais ha.

Transpassa o morto, de lado a lado,
Grande punhal.
Olhai-o, Dona Laura: — ó varado,
De lado a lado,
Por um comprido, grande punhal.

Traz nas mãos. Dona Laura, feridas
Feitas de luz.
Parecem duas plantas floridas
Dessas feridas,
Que são papoilas feitas de luz.

Tinha no rosto ligeiros tracos
De ente feliz.
Agora, Dona Laura, de braços

Presos, os traços
Mostra dum ente, que foi feliz.

O morto, Dona Laura, de certo
Sabeis quem é.
Enchei de flores este deserto. .
E assim, de certo,
Haverá vida no que morto é

Tende piedade de mim—um poeta,
Que vai morrer
E, sentindo a alma de dor repleta,
Do pobre poeta
Relede os versos, quando eu morrer.

Sinto que morro!. Mas Dona Laura
Eu vejo a rir
E, antes que o alento final exhaure,
De Dona Laura
Maldigo o Nome, por vel-A a rir.

Sei, Dona Laura, que riem todos
Do meu amor.
E agora vejo que não são doudos
Os homens todos,
Que vivem rindo do meu amor



DONA LEONOR

I

NESTAS poesias eu Vos proclamo
A vencedora do meu amor
Resumem-se ellas nisto : — Eu Vos amo,
Como as abelhas—o prado em flor.

— Poli o verso, conforme pude.

Para cantar

A primavera da juventude,
Que vejo em Vossa Fronte brilhar.

Nestas poesias eu Vos proclamo
A vencedora do meu amor
Resumem-se ellas nisto : — « Eu Vos amo,
Como a ave — o ninho cheio de olor.

Faço com ellas uma moldura
Para engastar
A Vossa Imagem Risonha e Pura,
Os Vossos Risos. o Vosso Olhar

Nestas poesias eu Vos proclamo
A vencedora do meu amor
Resumem-se ellas nisto : — Eu vos amo,
Como o sol ama seu resplendor

Uma corôa teço, e com ella
Vou adornar
A Vossa Face Divina e Bella,
Illuminada pelo luar.

Nestas poesias eu Vos proclamo
A vencedora do meu amor.
Resumem-se ellas nisto:—Eu Vos amo,
Como um crente ama Nosso Senhor.

Inda hei de ver-Vos, Senhora minha,
A irradiar,
Como se fosseis uma rainha,
Vinda das terras de alem do mar.

Nestas poesias eu Vos proclamo
A vencedora do meu amor
Resumem-se ellas nisto:—Eu Vos amo
Perdidamente, Dona Leonor.



II

AGORA vivo, dias após dia.
Lembrando minha doce alegria,
 Que já passou.
Uma infinita dor me envenena.
 Pois só não pena,
 Quem não amou.

Hontem, sorrindo, passastes perto
De mim—um peito frio e deserto,
 Sem coração.

E o rumor leve do Vosso Passô
Cantou no espaço,
Calado então.

Dos Vossos Risos as borboletas
Lembravam brilhos de aureos planetas
Sobre um paul.
E era um pedaço do ceo, perdido,
Vosso Vestido
De seda azul.

Eu Vos olhava muito de longe,
A' semelhança dum triste monge,
Quieto, a resar . .
Mas fostes pelas ruas afóra,
Levando a aurora
Na luz do Olhar.

Qual um cometa de cauda ardente,
Tinheis a esteira resplandecente
Dos versos meus.

O Vosso Rasto de chammãs e ouro
Foi um thesouro
Dado por Deus.

Por Vós, Senhora, nutria todo
O amor, e, cego, cahi no lodo
Deste paul.
O Olhar me daveis, que hoje é cedido
A Esse Vestido
De seda azul.

Tendes a graça destas creanças,
Que roubam ninhos às pombas mansas
E às juritys.
Riem-se as proprias coisas inermes,
Vendo — dos vermes
O mais feliz

E muitos outros cahem ainda,
Crendo ver n'Essa Face tão Linda
Flores e mel

Doidos! Quem chora vossa desgraça,
Libou a taça,
E encontrou fel.

Amanhã elles e Vós, Senhora,
Verei na mesma boca traidora
De algum paul
Como mais tarde verei, no olvido
Vosso Vestido
De seda azul.



III

HOUVE em minh'alma
Um encantado, verde jardim
Onde uma fada risonha e calma
Vivia dando mel as abelhas,
Que faiscavam como scintellas,
Ou como joias de ouro e rubim.

Espiralavam das lindas rosas,
No quieto ar
Finas essencias mysteriosas.

Sempre sorria, porque lhe era
Interminavel a primavera,
O sol mais fraco, mais forte o luar.

Bandos alegres de passarinhos
Iam nos verdes ramos tecer
Cheirosos ninhos,
Que pareciam ser grandes flores
Donde voavam cantos e olores
Na apothese do alvorecer

Miniatura dum paraiso.
Celeste plaga cheia de luz.
Berço da crença, ninho do riso.
Mas de repente
Surgiste calma. serenamente.
E em Vossos Olhos vi minha cruz.

Então as flores e até as aves
O Vosso Rasto foram seguir,

Entoando meigos cantos suaves.
Ficaram mochos. e nos canteiros
Uns agoueiros
Goivos de morte sempre a florir.

Hoje é em ruinas. Abandonado
Não tem um ninho, nem uma flor
Em torno d'elle tudo é calado.
Só ha um triste vulto na treva,
Que, ao hombro, o negro madeiro leva
Do meu amor

IV

Vivo isolado; não vejo flores
Pelos caminhos.
E deixais que hoje, por entre dores,
Eu cõlha espinhos
Em vez de flores.

Porque não viçam mais os caminhos?

Ensaguentei-me todo; feridas
 Trago nos braços.
Se olho as estrellas esmaecidas,
 Em brilhos baços,
 Vejo feridas.

Porque só vejo sangue em meus braços?

Meu manto feito duma alvorada
 Rompeu-se todo
De encontro as urzes, que achei na estrada...
 Ah! sou um doudo!
 Sois a alvorada!

Porque meu manto se rompeu todo?

Depois fugistes, deixando em sombra
 Meu peito frio.
Onde os rumores daquella alfombra,
 Daquelle rio,
 Daquella sombra?

Porque meu peito ficou tão frio?

Tambem com Vosco foram as aves
Cantando airosas,
E as minhas crenças—mixtos suaves
Do olor das rosas,
Da voz das aves.

Porque fugistes, aves airosas?

Onde os trinados estonteantes,
Onde os perfumes,
Onde as estrellas, que eram diamantes
Ou vagalumes
Estonteantes?

Porque fugistes, sons e perfumes?

Tremiam flores antigamente,
Por entre os ramos

Entoavam hymnos ao sol ardente
Os gaturamos,
Antigamente.

Porque ficaram seccos—os ramos?

Corriam fontes da agua mais pura,
Tecendo harpejos
Na relva. em tudo luz e frescura,
Canções e beijos.
Que vida pura!

Porque estas fontes não têm harpejos?

Porque minh'alma, que hontem sorria,
Soluça agora?
Qual o propheta que me diria
Porque ella chora,
Se hontem sorria?

Porque—Senhõra!—soluço agora?

V

Não ha no espaço noite mais negra
Do que a da Sua Trança, no entanto
Enche de luzes e mesmo alegre.
As sepulturas dum Campo-Santo.

Não ha nos prados flor mais formosa
Do que Essa Pura Face Risonha:
Ao vel-A—o verme palpita e gosa,
Ao vel-A—o mocho gorgeia e sonha.

Não ha estrellas de luz tão mansa
Como Esses Olhos—meu evangelho:
Fazem um velho tornar-se criança,
Uma criança tornar-se um velho.

Não houve mimos no paraiso
Como Esses Labios Provocadores:
Todas as flores mostram num riso.
E enchem de risos todas as flores

Não tem mais brilhos, a madrugada,
Não têm as aves mais garrulice:
Chorando. a lua fica magoada.
Sorrindo. o proprio cypreste ri-se.

Não ha nos nichos santa mais santa.
Não ha nos thronos rei mais altivo:
Ao vel-A se ergue, sorrindo, a planta,
E o sol se ajoelha. como um captivo.

Não ha no mundo vinho mais forte
Do que Esse Riso, que a amar convida :
Faz um ditoso buscar a morte,
Um desgraçado buscar a vida .

O Seu Sorriso só não acalma
A dor que dentro de mim se estende .
—E' que ella nunca leu na minh'alma,
E só minh'alma no mundo A entende.

VI

Eu vivo dentro dum Campo-Santo
Com sepulturas
Frescas e puras,
Onde repousa tudo o que canto.

As minhas crenças mais adoradas,
Os mais risonhos
E castos sonhos
Meus — dormem nessas lousas fechadas.

Vi, entre prantos, o atroz coveiro
Lançar à cova
Minha mais nova
Crença, e o meu casto sonho primeiro.

Gemem cyprestes, erguem-se cruzes,
Chorões se agitam...
Ardem, crepitam
Junto aos sepulchros macabras luzes.

Ri-se uma ermida branca e saudosa
No alto do monte,
Erguendo a fronte
Sobre essa plaga mysteriosa.

A' noite, apenas sussurra o vento,
Triste é chorando,
Tremulo, eu ando
Nós corredores desse convento.

Vejo nas campas, de mãos cruzadas,
As creanças minhas
Como rainhas
Ou como freiras ciliciadas.

Ellas morreram talvez sorrindo
Piedosamente.
Dizem-no o algente
Olhar, e o rosto sereno e lindo.

E eu, supportando dores immensas,
Pergunto aos lirios
E à luz dos cyrios
Por quem resavam as minhas creanças?

Cambaleando, caio por terra.
E um grande corvo,
Hediondo e torvo,
Em mim as suas garras enterra.

Tira-me o craneo, leva-me os braços,
Rasga-me o peito
Magoado e estreito,
Crocita nelle, fal-o em pedaços.

E eu digo: Oh corvo, que, com empenho,
Me dilaceras,
Embalde esperas
Roubar aquillo que eu já não tenho.

Grasnando, o corvo, lugubre e frio,
Meu peito esmaga.
Transforma-o em chaga,
E foge, ao vel-o, triste e vasio.

VII

APESAR d'Estes Olhos e d'Esta
Fala, que é uma rosea lagôa,
Onde minh'alma — barquinha em festa
Singra, cantando, —
Apezar disto, vivo pensando
Que não sois bôa.

Tendes o aspecto victorioso
De algum soldado que, na batalha,

Vendo o inimigo cahir. vaidoso,
Lhe pisa o craneo quente. e gargalha.

Vossos Olhares Santos de fada
Me enchem de magoas, me enchem de furias.
São uma clara, radiante espada,
Que, rindo, corta
Minh'alma, que hoje, presa, supporta
Tantas injurias.

Não pensais nunca nesse poeta,
Que celebra Vossa Figura.
O astro se lembra da luz inquieta,
Que em sua loira frente fulgura?

Eu soffro! A magoa mais penetrante
Dentro em minh'alma vive, se aninha.
Sou como a planta, que o viajante
Pisa na estrada,
E, apoz nas botas vendo-a pegada,
Tira-a. e caminha.

O dia inteiro por Vós eu chamo,
O Vosso Nome por tudo eu leio,
Se não Vos ouço dizer: — « Eu te amo! »
Dizei-me: — « Poeta, como eu te odeio! »

Se imaginasseis quanta tristeza
Me causa o Vosso Despreso, quando
Rides, ririeis menos, Princeza.
 Pois eu espinho
O mais possível, todo o caminho.
 Que ides trilhando.

Gritareis inda, Flor Innocente,
Qual uma pomba casta e bemdita,
Que, ao ver a boca duma serpente,
Sacode as azas, recua . . . e grita!

VIII

Os passarinhos gorgeliam, quando
Falais ou rides. Dona Leonor.
Foi Vossa Doce Fala escutando
Que elles cantaram com `mais amôr.
Calam-se, longe do Vosso Rosto
De cherubim.
E quem não sente n alma o desgosto,
Longe de tanta belleza assim?

As flores cheiram, somente quando
Vêm Vossa Carne, Dona Leonor
Foi Vossa Quente Carne cheirando
Que ellas se abriram com mais amor
Feneecem, longe do Vosso Rosto
De cherubim.

E quem não sente n'alma o desgosto,
Longe de tanta belleza assim ?

As plantas se enchem de flores, quando
Vêm Vossas Tranças, Dona Leonor,
Foi esse estio doce tomando
Que ellas floriram com mais amor.
Murcham-se, longe do Vosso Rosto
De cherubim.

E quem não sente n'alma o desgosto,
Longe de tanta belleza assim ?

Os astros brilham, somente quando
Vêm Vossos Olhos, Dona Leonor

Foi Vossos Grandes Olhos mirando
Que elles brilharam com mais amor.
Desmaiam. longe do Vosso Rosto
De cherubim.
E quem não sente n'alma o desgosto,
Longe de tanta belleza assim?

As borboletas voejam, quando
Vêm Vossos Labios, Dona Leonor.
Foi Vossos Labios Puros beijando
Que ellas voejaram com mais amor.
Não vôam, longe do Vosso Rosto
De cherubim..
E quem não sente n'alma o desgosto,
Longe de tanta belleza assim?

As brisas falam, somente quando
Vêm Vossos Braços, Dona Leonor.
Foi pelos Vossos Braços passando
Que ellas falaram com mais amor.

Não falam, longe do Vosso Rosto
De cherubim.
E quem não sente n'alma o desgosto,
Longe de tanta belleza assim?

As criancinhas sorriem, quando
Têm Vossos Beijos, Dona Leonor.
Foi Vossos Castos Beijos gosando
Que ellas sorriram com mais amor.
Não riem, longe do Vosso Rosto
De cherubim . . .
E quem não sente d'alma o desgosto,
Longe de tanta belleza assim?

Eu faço versos, somente quando
Vos vejo o Todo, Dona Leonor,
E foi o Vosso Todo lembrando
Que eu compuz versos com mais amor

IX

Fui encontrar-Vos numa janella,
Nas Mãos o espelho, na Boca um Riso...
Rieis sabendo quanto sois bella.
Tinheis nos Olhos a luz da estrella,
Na Boca as flores do paraiso..

Vóavam aromas purificantes
Do Vosso Longo Cabello Preto.
Vendo-Vos entre luzes radiantes
Compuz aos poucos os faiscentes
E claros versos deste soneto :

Tendes na Face luzes e flores,
Tendes nos Labios risos e cantos.
Eu tenho n'alma somente dores,
Nos olhos tenho somente prantos.

Nas minhas rimas construo andores,
E deixo em cima delles os Santos
Anjos, que amparam os meus amores,
Agasalhando-os sob os Seus Mantos.

Tendes nos Hombros azas trementes,
No Rosto — joias incandescentes,
Nos Lindos Olhos — um arrebol.

Por isto agora Vos aconselho:
Quebrai o Vosso ruim espelho,
Se quereis ver-Vos, fitae o sol.

X

PALPITAM chamma, gorgeiam aves
Pelos espaços cheios de aromas.
Os arvoredos recordam naves,
Os proprios ninhos lembram redomas.
Ouço alegrias sonorisantes
 Pelos caminhos.
No sol faiscam mil diamantes,
Voam nos ares mil passarinhos.
As nuvens brancas lembram arminhos
 Irradiantes.
 Feitos de luz,
Que vagam como grupos de amantes
De peitos quentes e braços nús.

Se tudo canta ferventemente
Por sobre a terra glorificada,
Se em cada nuvem de oiro se sente
O brilho fulvo duma alvorada,
Se até as aves com mais amores
 Entoam hymnos,
Se em toda a parte se ouvem cantores
·Entoando psalmos doces e finos.
Porque Esses Vossos Labios Divinos
 E Seductores
 Desferem ais?
Dizem - Vos, tristes, as proprias flores :
— « Porque Estes Labios não cantam mais? »

* * *

Ouçõ ruidos leves de beijos
Pelas risonhas veigas cheirosas.
Dentro dos ninhos. que rumurejos !
Que rumurejos em torno às rosas !
Os passarinhos abrem as pennas,
 Esvoaçando

Em torno aos lírios e às açucenas,
Que vão agora desabrochando.
As fundas trevas ouço cantando
 E têm apenas
 Brumosa cor
No mar as aguas estão serenas,
Cícia a aragem com mais amor.

Se eu ouço em tudo beijos ardentes
E vejo lábios amantes pelas
Flores, que guardam nos seios quentes
Perfumes, cantos, gritos e estrellas,
Porque Vós tendes na Alma — violetas
 Em vez de auroras.
Como essas noites longas e pretas,
Em que parecem annos as horas?
Nella não vejo fontes sonoras,
 Nem borboletas.
 Deus diz então :
Enchei de luzes irrequietas
A funda noite do coração.

E o sol glorioso, vertendo brazas,
No firmamento, bem alto, exclama :
« Para as phalenas Deus fez as azas
E fez o mundo para quem ama.. »

XI

ENTÃO não cantas? — a um passarinho
Perguntei; e elle tonto de dor
Disse :— « Não canto, porque meu ninho
Não é n'Aquella Boca de flôr.»

Pois não perfumas? -- com interesse
Disse a uma rosa de nivea cor :
«Perfumaria só se nascesse
Dentro d'Aquella Boca de flor.»

Vi uma estrella pallida e fria.
Perguntei, rindo : Não tens fulgor?
E ella me disse : -- Só brilharia,
Junto d'Aquella Boca de flor.»

Eu disse á lua, que estava escura :
Porque não brilhas, astro do amor?
E ella me disse : -- Não tenho alvura,
Longe d'Aquella Boca de flor.»

Senti nas carnes um calefrio,
Ouvindo o vento murmurador
Dizer em prantos : -- « Eu só cicio
Em torno A'quella Boca de flor »

Meu peito estava mudo e gelado :
Então não pulsas? Não tens vigor?
E elle me disse : « Sou abrazado,
Perto d'Aquella Boca de flor.»

Achando tudo negro e tristonho,
Eu disse, cheio de dissabor :
Só viajo pelo paiz do Sonho,
Ao ver Aquella Boca de flor.

E uma voz lenta, pausada e santa
Ouvi. transido pelo terror :
« O mundo vive, gorgeia e canta
N'Aquella Fria Boca de flor ! »

Então, eu disse, não ha um ente
Que da ventura gose o dulçor,
Desde que tudo chora descrente
Sem ver Aquella Boca de flor.

Senti um frio pela epiderme
Ouvindo a fala do Creadôr
Dizer : — « Ditoso será o verme,
Que roer Aquella Boca de flor ! »

XII

MINHA Formosa Senhora, um poeta
Vem sob as Vossas Plantas deixar
Uns pobres versos, onde interpreta
O que as aragens dizem ao mar.

E' muito moço; guarda um profundo
Desejo dentro do coração:
Ver-Vos bastante longe do mundo,
No céu das crenças e da illusão.

Então, ao ver-Vos, a aurora. cega,
Vos cederia seu bergantim
Feito de chammas, onde navega
Um marinheiro côr de rubim.

Como não posso ver isto ao menos
Durante a vida se realizar,
Vos teço, minha moderna Veus,
Um fulvo manto com a luz do luar.

E, ante os meus olhos, ides passando
Entre os archanjos, em procissão,
Num andôr branco, me recordando
Nossa Senhora da Conceição.

Na Fronte um roseo nimbo fulgura.
E, á semelhança dum cherubim,
Erguei-Vos muito risonha e pura
Por sobre um solio de ouro e marfim.

Enchi meu peito de luz e flores,
Que começaram a rebentar
Julgo que a Deusa dos meus amores
Deve estar sempre sobre um altar.

E, ahí estando, conforme penso,
Ouvireis, minha Deusa, a oração,
Que, entre os espessos rolos do incenso,
Meus labios seccos murmurarão :

« Virgem das virgens, Candida Rosa
De algum ignoto, casto jardim.
Volvei-me a bençam mysteriosa
Dos Vossos Olhos de serafim !

Venho de muito longe : não trago
No peito luzes, e o Vosso Olhar
E' um tranquillo, sereno lago,
Onde minh'alma quero banhar !

« Sois uma estrella pura, que brilha
Da minha noite na escuridão
Cega, entre espinhos, minh'alma trilha...
Sede-lhe guia! Deitae-lhe a Mão!

« Quando o sol anda pelo levaute
Tem a figura dum mandarim.
Que, envolto em fina seda flammante,
Passeia dentro dum palanquim.

« Nenhuma estrella no azul crepita
Mas vê-se a estrella d'Alva brilhar
Dizem por isto que é favorita
Do sol brilhante, que a vae deixar.

« Quando o sol morre nos dá a idéa
Dum glorioso, velho sultão.
E o occaso é uma grande epopéa
De labaredas na vastidão.

« E a lua, como triste princeza
Viuva, desponta no ceo — e assim
Que o sol expira, fervente, reza,
E ás suas magoas não acha fim.

« Minha Senhora, seccai o pranto,
Que no meu rosto vedes rolar,
Por Vós eu tenho chorado tanto,
Que não mais devo por Vós chorar!

« Curae meu pobre peito lanceado
Por Vosso Orgulho cruel, e então
Tereis um novo crente, curvado,
Vos adorando com devoção.

« Agasalhai-me, Celeste Pomba,
Que estou cançado! De longe vim!
Tenho a tristeza do sol que tomba.
Ai! Sede a lua! Chorae por mim!

I

PALPITEM luzes no espaço inteiro!
O sol fulgure mais deslumbrante!
E minha musa no jasmineiro.
Da Poesia gorgoeie e cante!

Passa em triumpho numa charola,
Que cede ao peso de mil tropheus,
Esta de Linda Face Hespanhola,
Que tem nos Olhos todos os ceus.

O anjo da Gloria radiante e louro
Cedeu-lhe duas tremulas azas,
E poz em Suas Madeixas de ouro
Um diadema feito de brazas.

Lança faiscas e resplendores
Dos Hombros Quentès, Brancos e Nus.
Vendo Seus Labios — morrem as flores,
Vendo Seus Olhos — desmaia luz.

Pombas de fogo voejam pelas
Suas Madeixas incendiadas,
Que são um loiro ninho de estrellas,
Que têm a chamma das alvoradas.

Em torno d'Ella vejo de joelhos
As borboletas e os colibris.
Nos Seus Pequenos Labios Vermelhos
Florem papoulas, sangram rubis.

II

QUANDO nas salas, tremulo, vejo.
O Vosso Airoso Vulto passar,
Penso que vejo
(Não é gracejo)
Um alabastro cheio de luar.

Quando Essas Tranças copiosas vejo
Ardendo tanto como o arrebol,
Penso que vejo
(Não é gracejo)
Raiar em cima dum monte — o sol.

Quando um Sorriso pairando vejo
Nos Vossos Labios de cherubim,
 Penso que vejo
 (Não é gracejo)
Brazas cantando junto a jardim.

Quando Esses Olhos Inquietos vejo
Envoltos numa poeira de luz,
 Penso que vejo
 (Não é gracejo)
O olhar dos olhos bons de Jesus.

Quando uma rosa gosando vejo
Vossas Caricias Celestiaes,
 Penso que vejo
 (Não é gracejo)
O meu passado, que não vem mais.

Quando essa rosa mais tarde vejo
Emmurchecida na Vossa Mão,

III

PASSASTES cheia de luz, trazendo
Um leque aberto numa das Mãos.
E os passarinhos foram dizendo :
« Eis, Oh Regina ! Vossos irmãos ! »

E os passarinhos todos, em bando,
Abrindo as azas, a doudejar,
Diziam : « Vejam que Rosto Brando !
Meu Deus que Riso ! Que Doce Olhar ! »

Diziam muito baixinho as rosas,
Vos vendo o Rosto de serafim :
« Não brillham flores tão perfumosas
Como as que vemos neste jardim.

Não brillham astros mais radiantes
—Dizia a aragem cheia de amor —
Do que Estes Olhos, que são diamantes,
Joias de fino ciuzelador.

« Como Estes Olhos, que abrem ainda
Das primaveras da vida o véo,
Não ha no mundo coisa tão liuda,
Talvez nem haja no proprio ceo.»

« Não! Ha no mundo — disse uma rosa —
A Estes Divinos Olhos igual
A Sua Fala que é sonora,
Como os tinidos são dum crystal.

« A Sua Fala Branda e os Seus Bellos
Olhos são dignos rivaes, porém
Como a alvorada d'Estes Cabellos
O proprio espaço luzes não tem.»

« Como alvorada de Suas Tranças
— Um passarinho vi proferir —
Vejo Este Rosto — ceu de esperanças,
Vejo a alvorada d'Este Sorrir.

Vejo Este Rosto de archanjo. Nesta
Doce conversa foram. e quiz
Deus, carinhoso, que, rindo, em festa,
Vos coroassem os colibris.

Deus carinhoso, sorriudo a todos,
Um forte grito nos ares deu :
— Ao que comparam, meus pobres doudos.
O Descuidado Coração Seu ?

Ao que comparam? Ao que comparam?
Elles não deram resposta, não.
Tristes, bem tristes, no azul voaram
Balbuciando: — « Que Coração!

IV

I

Sois uma cobra que anda de rastro.
Perdão! queria dizer: — um astro!

Tendes nos Olhos um esgarceo.
Perdão! queria dizer: — o céo!

Nos Vossos Labios só vejo espinhos.
Perdão! queria dizer: — carinhos!

Os Vossos Risos mostram punhaes.
Perdão! queria dizer: — rosaes!

Tendes na trança malditos numes.
Perdão! queria dizer: — perfumes!

Guardais no Peito paixões ruins.
Perdão! queria dizer: — jasmins!

Parecem charcos Vossos Olhares.
Perdão! queria dizer: — luares!

Fostes formada de lama e puz...
Perdão! queria dizer: — de luz!

II

Ha soes da Vossa Carne nas dobras.
Errei! queria dizer: — ha cobras!

Os Vossos Olhos são meu phanal.
Errei! queria dizer: — meu mal!

V

TENDES na Boca philtros divinos,
Canções, auroras, passaros, hymnos,
Raios de luar
Se acaso rides, dobro os joelhos
Doido — ante os Vossos Labios Vermelhos,
Cego — ante o Vosso Piedoso Ohar.

Na Vossa Boca, ninho do riso,
Eu vejo scenas do paraiso:
Comtemplo Adão

Com Eva nua sobre os seus braços,
E sinto beijos pelos espaços.
E vejo um anjo na vastidão.

Lembra uma rosa feita de sangue
Desabrochando, tumida e languê,
Em um vergel.
Ahi esvoaçam milhões de abelhas.
Que chispam, como vivas centelhas,
Crendo vêr n'Elle favos de mel!

Tenho o desejo forte e raivoso
De mastigar-A. voluptuoso.
Nos dentes meus.
Será tão doce, como supponho.
O fructo, que ora se abre risonho,
Como se fosse feito por Deus?

Terá o fogo das labaredas,
Ou a brandura propria das sedas
Orientaes?

Não sei. apenas sei que Ella encerra
Coisas divinas, coisas da terra,
Ninhos cantando, frios punhaes.

Só Esse Dote da natureza
Coroaria como princeza
Outra qualquer
A Vossa Boca Risonha e Calma
Tem sangue e nervos, possui uma alma,
Egual à alma duma mulher.

E' uma aurora risonha e casta
Onde, radiando, treme e se engasta
Todo este amor.
Possue um vinho, que me embriaga,
Que enche de aromas a grande chaga
Minha, tornada roseira em flor.

Eu abenço-A profundamente,
Como o selvagem admira o ardente
Sol da manhã.

Sou fetichista ; declaro agora
Que a Vossa Quente Boca Sonora
E' o Deus da minha seita paga.

VI

JÁ me disseram que Vossa Trança
Foi um presente, que o loiro sol
Vos mandou, como simples lembrança,
Pela embaixada dum arrebol.

Vossos Cabellos, por consequencia,
São fios de ouro que o sol teceu.
Dos astros essa risonha ardencia
A terra em Vossa Fronte desceu.

E' como a trança duma sereia
A Vossa Loira Trança Gentil.
Deslumbra, prende, vence, encandeia,
Um passarinho muda em reptil.

Ao vel-A, vê-se rapidamente
Tudo de bello que no ceo ha.
Não se approxima d'Ella o fulgent'e
Manto radioso de algum radjah.

A madrugada surgindo, envolta
Em pedrarias, não brilha mais
Do que Essa Trança, quando está solta,
Cheia de joias celestiaes.

E' uma planta mysteriosa,
Onde vicejam flores de luz,
Que enchem de aromas a vaporosa
Carne dos Hombros Altos e Nús

Um mar de chammas, em cujas ondas
Singram galeras vindas de alem
Que às Vossas Quentes Formas Redondas
Levam thesouros que os reis não têm.

Era a minh'alma noite fechada.
Noite fechada — meu coração.
E a Vossa Trança foi a alvorada,
Que encheu de luzes a escuridão.

VII

NA festa. Toda de branco. Nunca
Fui tão feliz! —
Senti-me livre da garra adunca
Do mal, e nunca
Fui tão feliz.

A Sua Veste me parecia
Feita de luar
Tanto brilhava, tanto fulgia,
Que parecia
Feita de luar

Foi um archanjo que a Roupa Branca
Lhe foi vestir.
Minh'alma, ao vel-A, cantou, e franca,
De roupa branca
Se foi vestir.

Um chapéosinho, que perfumava
Qual uma flor,
Tremia em Sua Cabeça Flava,
Que perfumava
Qual uma flor.

Quando Ella andava, corriam hymnos
Pela amplidão.
E aos Seus Tranquillos Passos Divinos,
Corriam hymnos
Pela amplidão.

Era uma pomba que tinha as pennas
Cheias de luz.

Guardava o aroma das açucenas
Nas Suas Pennas
Cheias de luz.

Entrou na igreja. De branco. Em frente
Do altar rezou.
Então o povo ferventemente
Correu, e em frente
D'Ella rezou.

Sahiu da igreja, cançada e anciosa,
Com seu chapéo.
Qualquer pessôa, vendo Essa Rosa,
Tirava, anciosa,
O seu chapéo.

Umás crianças riram, ao vel-A
Sorrir, assim
Como uma clara, risonha ostrella
Sorriu, ao vel-A
Sorrir assim.

Foi-se entre bênçãos. . Eu não fui nunca
Tão infeliz.
Morde-me a garra do mal, adunca
Vejo-A. Na festa. de branco. Nunca
Fui tão feliz!



VIII

RIDES. e eu penso que Este Sorriso
E' uma alvorada,
Que doira as flores do paraíso.
Onde uma fada
Risonha e loira com os anjos mora.

Eu julgo mesmo que a luz da aurora
Não tem o encanto,
Que vejo n'Esta Boca Sonora,
Que, rindo tanto,
Enche de auroras o espaço inteiro.

Um passarinho, num jasmineiro
Cheio de flores,
Olhando o ninho, que exhala um cheiro,
Que tem fulgores,
Eu vejo, ouvindo Riso tão Puro.

Palpitam luzes no que era escuro,
Clareia a treva,
Fulge a alleluia do meu futuro,
Tudo se eleva,
Gorgeia, treme, fulgura e canta

Ha uma alegria divina e santa
No azul em brazas,
Abram-se flores em qualquer planta,
Revôam azas,
Enche-se a lama — de labaredas.

As leves brisas lembram-me sedas
Finas e mansas.

Vejo nos ares cem alamedas
Cheias de crianças
Frescas e alegres, roseas e puras . . .

Sinto delicias, goso venturas
Abençoadas, santas e calmas.
E' que, ao sorrirdes, oh minha Louca,
Mostrais unidas as nossas almas
Na aurora quente da Vossa Boca.

IX

EM alegrias fortes prorompa
Nervosamente meu coração,
Que se celebra, com toda a pompa,
Um desvairado festim pagão.

Corra um delírio pelo Universo;
Que nem um homem pense sequer,
E occupe o loiro solio do Verso
A Imagem Branca duma Mulher !

A um riso d'Ella, deixem os filhos
Mortas nas chammas as proprias mães,
E aos Seus Pés tremam fracos, sem brilhos,
Os astros, como se fossem cães!

Lancem blasphemias todas as bocas,
Os ares sejam um escarceo,
As aves fiquem mortas ou loucas,
E as nuvens todas ardam no ceo!

Raios e roncoss de trovoadas
Venham o espaço negro ferir
E, entre essas raivas desordenadas,
Ella, no solio, branca, a sorrir

Para de beijos encher o Ardente
Corpo da minha Deusa Pagã,
Eu quereria ser Deus clemente,
E choraria não ser Satan.

De almas sangrentas e cancerosas
Se erija um throno descommunal,
Onde Ella se erga, nas Mãos Formosas
Sustendo um rubro. quente punhal.

Soluce o vento pelos espaços,
O oceano ferva cheio de dôr,
E esmague peitos. craneos e braços
Seu Grande Carro Triumphador.

Quando Esse Carro Sombrio e Horrendo
Por sobre o sangue morno passar,
Cantarei sendo Satan — e sendo
Deus, pelas trevas irei chorar.

Depois os corpos estreitamente
Unamos, delles fazendo um só.
E então o Carro furiosamente
Os pise, unindo-os no mesmo pó.

X

VENHO de longe, peregrinando,
Não acho onde me agasalhar.
Rasguei-me todo pelos caminhos,
Trago as roupagens cheias de espinhos,
Não acho onde me agasalhar
Agasalhae-me, Sorriso Brando,
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

O meu cajado foi se quebrando,
Não posso agora mais caminhar
As minhas plantas estão cobertas
Dessas vermelhas chagas abertas.
Não posso agora mais caminhar
Sede meu guia, Sorriso Brando,
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

Meus labios foram mudos ficando,
Não posso agora rir e cantar
Ando sosinho por essa estrada,
Trazendo a minha boca fechada.
Não posso agora rir e cantar. . .
Abri meus labios, Sorriso Brando,
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

Meus olhos foram se empenumbrando,
Não posso agora vêr e chorar
Cego, vagueio sem ter cajado
Ou um rafeiro fiel, ao lado.

Não posso agora vêr e chorar
Abri meus olhos, Sorriso Brando,
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

A crença aos poucos foi me deixando,
Não posso ao menos hoje sonhar.
Timido, eu erro tendo commigo
Só esse Tedio, que é meu amigo
Não posso ao menos hoje sonhar
Fazei que eu sonhe, Sorriso Brando,
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

Dias e dias levei chorando,
Não vejo agora mais o luar,
Não sinto o aroma que sae das flores,
Não ouço beijos, sons e rumores,
Não vejo agora mais o luar
Mostrae-me a lua, Sorriso Brando
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

Entre rochedos, perdido, eu ando...
Não vejo o fumo branco do lar,
A fonte encheu-se de sangue e lodo,
O vento grita, lembrando um doudo,
Não vejo o fumo branco do lar
Mostrai-m'o agora, Sorriso Brando,
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

Sou um marujo. Parti cantando
E agora tenho medo do mar
O meu navio perdeu as velas
Ao choque bruto de mil procellas.
E agora tenho medo do mar.
Sede o meu porto, Sorriso Brando,
Cabeça de ouro, Celeste Olhar!

XI

SINTO ruidos dentro do peito,
Como os de ferros numa prisão.
E' neste hospicio pequeno e estreito
Que grita, doido, meu coração.

Tenho receio de tudo, vejo
Até as proprias sombras a andar,
Nojentas bocas de vermes beijo,
Como um poeta, scisma o luar.

Julgo que as moças são uns phantasmas,
Que me vieram dizer adeus,
Suas cabeças mostram miasmas,
Ha larvas pelos semblantes seus.

E então eu penso que o mundo inteiro
E' um cemiterio cahido já,
Na voz dos ventos ouço um coveiro,
Cavando a terra que o pão lhe dá.

Recuo mesmodestas crianças,
Que eu dantes vi sempre a correr,
Varam-me o corpo milhões de lanças,
Sinto em meus olhos brazas a arder.

Todas as pedras, lamuriando.
Sentidas queixas, ficam de pé
Cobras no solo vão deslisando,
E algumas bailam cantando até.

Monstros horrendos vagueiam sobre
O solo, como demonios vis.
O vento agora parece um dobre.
Os ares lembram negros covis.

Aves desformes rasgam-me o rosto,
Comem-me os olhos cheios de puz,
E vaga pelo meu decomposto
Cadaver — uma phosphorea luz.

Sou um cadaver, porem que sente
Doces lembranças do que gosou,
Da Linda Face Resplandescente
D'Esta que tanto na vida amou.

Quando me lembro de Vós. eu logo
Desperto, e rasgo da dôr o véo,
Onde houve trevas, encontro fogo,
Some-se o inferno, rutila o céo.

Assim a noite de tempestade,
Que nem da lua mostra o pharol,
Foge, se raia na immensidade
Em catadupas igneas — o sol.



XII

Não me recordo qual foi o dia
Em que vi Essa Gentil Senhora.
E quem no mundo se lembraria
Da vez primeira que viu a aurora?

Não me recordo qual foi o dia
Em que vi Essas Tranças a flux.
E quem no mundo se lembraria
Da vez primeira que viu a luz?

Não me recordo qual foi o dia
Em que vi Esse Rosto Risonho.
E quem no mundo se lembraria
Da vez primeira que teve um sonho ?

Não me recordo qual foi o dia
Em que vi Esse Piedoso Olhar
E quem no mundo se lembraria
Da vez primeira que viu o luar ?

Não me recordo qual foi o dia
Em que vi Esses Labios Traidores .
E quem no mundo se lembraria
Da vez primeira que viu as flores ?

Não me recordo qual foi o dia
Em que fui vel-A do amor com o véo .
E quem no mundo se lembraria
Da vez primeira que viu o céu ?

Não me recordo qual foi dia
Em que ouvi Suas Vozes Suaves.
E quem no mundo se lembraria
Da vez primeira que ouviu as aves?

Não me recordo qual foi o dia
Em que Ella um Doce Riso me deu.
E quem no mundo se lembraria
Da vez primeira que se benzeu?

Não me recordo mesmo em que dia
Beijei Seus Labios cor de cereja.
E quem no mundo se lembraria
Da vez primeira que entrou na Igreja?

Só não me esqueço do triste dia
Em que Ella, irada, me abandonou.
E quem no mundo se esqueceria
Da vez primeira que soluçou?

SANTA!

I

ABRAM-SE as portas aureas do Templo
Da Poesia que vae passar
Esta, que, em sonhos, doudo, contemplo
Sobre um altar.

Minh'alma, outr'ora tão altaneira,
Dobre os joelhos, e, com fervor,
Implore auxilios á Padroeira
Do meu amor.

Entôe hosanas a miuha lyra !
Entôe hosanas meu coração !
Arda meu estro todo na pyra
Da Inspiração !

E doce, como Santa Thereza,
Ella em meus versos se ostente assim
Como se ostenta gentil chinesa
Num palanquim.

Como que A vejo, trazendo o Rosto
Curvo, as Mãos sobre o Seio a pender
No Olhar as brumas de algum desgosto . . .
Quasi a morrer

Um manto feito de pedrarias
Cobre-Lhe as Formas Esculpturaes.
Vela-Lhe as Carnes Brancas e Frias
Como crystaes.

A Sua Trança Negra e Fulgente,
Divina mescla de sombra e luz,
Cae sobre a neve resplandescente
Dos Hombros Nús.

Boiam tristezas e dissabores
Na transparencia do Rosto Seu.
Nem mesmo a propria Virgem das Dôres
Tanto soffreu.

E' uma Freira que no convento
Da minha vida resando está.
Eusaia vãos ao firmamento.
Quando voará ?

Tem nostalgia de alguma terra
Desconhecida por todos nós.
Magoas de rôla — viuva encerra
No Olhar, na Voz.

E' uma Santa ! Por isso as minhas
Crenças, constrictas, A vão pousar,
Entoando psalmos e ladainhas,
Sobre um altar.

E, ao ver-Lhe o Triste Rosto de Freira,
Minh'alma reza, toda fervor,
Chamando-A a Casta, Santa Padroeira
Do meu amor.



II

VISTES aquelle caixão funereo
Alcatifado de rosas, que ia
Buscando o rumo do cemiterio.

Nelle uma creança morta se via
Com as mãos no quieto peito crusadas,
E a linda face pallida e fria.

Trajava longas vestes nevadas.
Em torno flores. e um rir tão lindo
Tremia em suas faces geladas.

E Vós dizieis: — Está dormindo.
Talvez em sonhos é este o motivo
De ver a sua boca sorrindo.

No emtanto o anjinho não era vivo,
Buscava as praias do eterno porto
Humildemente, como um captivo.

E soluçastes sem ver conforto,
Chorastes, como qualquer criança.
Quando soubestes que estava morto

O meigo anjinho de loura trança.



Tambem conheço presentemente
Um moribundo que, pouco a pouco,
Chegar o espectro da morte — sente.

Grita, blasphema, ri, como um louco,
Que vê phantasmas e vê caveiras
E sente ruidos no craneo oco.

Morreram suas crenças primeiras
Ha muito. e agora vão lhe morrendo
— Bem prematuras — as derradeiras.

Sempre chorando, sempre gemendo,
Sabe que morre quando devia
Ir, como os outros, feliz vivendo.

De uma pessoa sei que podia
Tornal-o à doce vida de outrora,
Cheia de sonhos e de alegria

Sois Vós, oh minha Gentil Senhora,
Que Vos cingistes da dôr com a palma
Vendo morto o anjo da trança loura.

Fazei o mesmo para minh'alma!



III

TENDES nas Tranças Bastas e Escuras
Sombras intensas e vaporosas.
Dão-me a lembrança de sepulturas
Cheias de goivos, jasmins e rosas.

Tendes nos Olhos Martyrisados
Cinzeladuras extravagantes,
Brancoes escriptos estrelleados,
De ouro, amethystas e diamantes.

Tendes na Boca rosas sem vida
Desabrochando com muito aroma.
Desejo vel-A por fim mettida
Cuidosamente numa redoma.

Tendes nos Seios Duros e Lisôs
Venenos castos, brandos e eternos.
N'Elles eu vejo mil paraisos.
N'Elles eu vejo milhões de infernos.

Tendes nas Vossas Mãos de princeza .
Velludos brancos e tentadores.
Toda a opulencia da natureza.
Todo o perfume leve das flores.

Tendes na Pelle côr de alabastro
Jardins risonhos desabrochando . .
Essa penumbra contem um astro
Essa geleira vive queimando . .

Tendes na Fala chôros de pomba,
Aguas sonoras em mansas quedas.
Lembra um custoso cristal que tomba,
Se estilhaçando sobre moedas.

Tendes estrelas, anjos em côro,
Dos Pés à Fronte Santificada . . .
O Vosso Corpo lembra um thesouro . . .
Porém no Peito não tendes nada!



IV

Sois mysteriosa, viveis sonhando,
Vedes o mundo por certos prismas
 Bem singulares.
Sempre Vos acho triste scismando.
Devem ser brancas as Vossas Scismas
 Como os luares.

Tendes no Rosto Pallido e Frio
Um firmamento gelado e escuro
 Sem um só astro.

Ha n'Elle um vago pallor doentio.
E' mudo, branco, gelido e puro
Como o alabastro.

Falais. E à Vossa Fala Macia
Toda a minh'alma se enche e transborda
Nesse deleite.
Embriaga, prosta, vence, extasia.
Tão branca e doce que me recorda
Favos de leite.

Sonhais.. E os Vossos Sonhos são como
Estes oasis convidadores,
Que ha nos desertos.
Branços. recordam um niveo pomo.
Arminhos santos. languidas flores.
Jasmins abertos.

O Vosso Casto Peito não ama.
N'Elle uma Alma quasi Sagrada
Palpitar deve,

Não tem um astro, nem uma chamma..
E' branco e frio como a geada
Ou como a neve

Tendes, é certo. Negro o Cabello.
N'Elle minh'alma toda se some.
Freme, se estanca.
Porém no resto sois como o gelo.
Por isso agora Vos dou o nome
De Dona Branca.



V

Sois uma santa! Do céo viestes
Aureolada por um clarão,
Por Vós eu ouço pombas celestes
Cantarem dentro do coração.

Tendes das santas Esses Olhares
Que são a minha religião.
Por Vós celebros missa em altares,
Que trago accesos no coração.

E. como crente que sou, desejo
Ver realisada minha illusão:
Guardar a hostia do Vosso Beijo
Num hostiario — meu coração.

Deus Vos fez pura qual uma planta,
Mas, receiando qualquer traicão,
Tirou dos Vossos Seios de santa
A mancenilha do coração.

Viveis por isso, minha Senhora,
Sem terdes raiva, nem compaixão;
Negais o affecto que um poeta implora.
Porque não se ama sem coração.

Ao ver o Vosso Despreso, sinto
Magoas, e exclamo com emmoção:
Meu Deus! Perdi-me num labyriutho!
Antes nascesse sem coração!

Tirae-m'o! Os homens que o têm no peito
Muito infelizes no mundo são,
Só haveria prazer perfeito
No desprovido de coração!

Comtudo agora nem Deus o afasta
De mim, e vejo que, como um cão,
A's Vossas Plantas chora e se arrasta
Submissamente, meu coração.

Sois um' rochedo no qual não medra
Nem de uma rosa branca o botão.
Sois uma santa. porém de pedra.
Pois qualquer santa tem coração.

VI

ELLA resava constrictamente
Na vasta igreja; resplandecia
Uma doçura meiga e innocente
Na Sua Triste Fronte Sagrada,
Que até confesso, me parecia
A fronte santa de alguma fada.

As Mãos cruzadas no Peito, fixos
Os Olhos sobre Nossa Senhora
Branca, da alvura dos crucifixos

Jaspeos, e como Sua Cabeça
Não vejo coisa no mundo agora
Que mais me gele, que mais me aqueça.

No Peito a pomba da fé trazendo,
Que extase puro, religioso,
Sentia, os santos nos nichos vendo!
Que extase doce também eu tinha
Ao ver o Rosto Victorioso
D'Esta que os anjos chamam — Rainha!

Subia pelos ares o incenso
Em perfumosas e leves ondas
Sorria Christo na Cruz suspenso
Vendo a maneira porque resava
Esta de Virgens Formas Redondas,
Que em cada estrella tem uma escrava.

Tremiam grandes nimbos risonhos
Em torno à Sua Face de santa.
E, em revoada, todos os sonhos

Sorriam, doces, como quem prova
Mel ou então como quem ri e canta,
Na Face Casta da Irman mais nova.

Eu, merenchoreo, pensava nisto :
Deve ser santa para que possa
Fazer com que anjos, astros e Christo
Desejam tel-A como rainha .
Christo, anjos. tudo murmura : — E' nossa !
Só eu não posso dizer: — E' minha !

A Virgem Santa cheia de flores
Sorrio ao vel-A, crente, rezando .
E em meio a tanta luz e fulgores,
Eu vi, tremendo, — que maravilha !
Nossa Senhora no altar clamando :
— Bemdicta sejas, oh minha filha !

Depois (eu julgo que foi somente
Um sonho) as santas abriram rindo
Suas redomas, e alegremente

Se ajoelharam às Suas Plantas,
Rezando, e a reza que fui ouvindo
Dizia : — Salve ! Santa das Santas !

Então a Virgem Maria disse :
Peço a Ti, cujo Perfil encerra
Toda a candura, toda a meiguice,
E és desde muito nossa rainha,
Que deixes esta lama da terra !
Queremos ter-Te como vizinha!



VII

Não conto a historia da minha vida,
Porque ella é triste demais, Senhora.
Acaso a rosa desfallecida
Relata suas magoas — á aurora?

Não conto a causa deste quebranto,
Nem o que soffro por este amor . . .
Acaso a aurora, que brilha tanto,
Escuta as queixas da pobre flor?

Nem tambem rogo doce guarida
Na luz dos Vossos Olhos, Senhora.
Acaso a rosa de olor despida
Supplica aromas à luz da aurora?

Não Vos declaro porque não canto,
Nem porque vivo louco de amor...
Acaso a aurora que tem no manto
Luz — manda luzes à morta flor?

Não saibais nunca da insana lida,
Em que me agito por Vós, Senhora...
Acaso a triste rosa pendida
Conta os martyrios que tem — à aurora?

Ai! Eu não quero chorar, enquanto
Sentir no peito chammas de amor...
Pois vendo a aurora, do céu o encanto,
Será possível que chore a flor?

Não direi mesmo que está perdida
Toda a minh'alma sem fé, Senhora,
Acaso a rosa, da haste partida,
Vae pedir seivas à fulva aurora ?

Não tenho crenças e até me espanto
Dos Olhos Tristes do meu amor,
Unica aurora que enche de pranto,
Em vez de orvalhos, a murcha flor.



VIII

CONHECE Dona Branca a amargura
Que em mim habita.
Minh'alma é uma caverna escura,
Funda, maldicta !

Silvam serpentes negras e immensas
Na escuridão.
Mas rompe às vezes as trevas densas
Forte clarão.

Então ha luzes. Depois a treva
Desdobra o manto,
E o clarão treme. se extingue. e leva
Todo esse encanto.

Tudo então fica muito mais torvo,
Mais sepulchral.
E grasna, voando na treva, um corvo
Descommunal.

Eu permaneço, dia apoz dia,
Nesta caverna,
Ouvindo os uivos da ventania
Feroz, eterna !

No entanto muito risonha outr'ora
Ella foi já.
Não via a noite, só via a aurora,
Que hoje não ha.

E a ser a causa disto uma santa
 Ingenua e meiga
Como cheirosa, modesta planta
 De inculta veiga !..

Ella é tão pura como as crianças,
 Culpa não tem
De dar-me sombras às esperanças,
 E a mim também.

Pensa de certo que não é Ella
 Esta Senhora
Por quem minh'alma de noite — vela,
 De dia — chora.

E assim é que estes meus versos lendo,
 Tristonha diz :
« Elle hoje chora, vive soffrendo,
 Mas foi feliz.

« E esta Senhora tão adorada
Gentil e inquieta
Não julgo digna de ser amada
Por um poeta ! »

Reflecte. e logo tristonha e calma,
Como quem quer
Chorar, exclama : — Não possui alma
Essa mulher ! »



IX

TENDES orgulho desta luz pura,
Que enche de magoas esplendorosas
A transparencia do Vosso Olhar.
Ha n'Elle rezas silenciosas
De monges dentro duma clausura
Agasalhada pelo luar.
Tendes orgulho desta luz pura,
Que transparece no Vosso Olhar.

Arde, illumina, chispa, fulgura,
Lança faíscas tão luminosas
Que até parece de Deus o olhar .
Quem, vendo tanta luz e doçura,
Não tem maneiras religiosas,
Não se ajoelha, não vae rezar?
Arde, illumina, chispa, fulgura,
Que até parece de Deus o olhar.

Um hostiario de doce alvura,
Cheio de goivos e tuberosas,
Eu vejo em Vosso Profundo Olhar...
N'Elle palpitam coisas radiosas,
Despedem raios de tal candura,
Que às vezes julgo ver um altar..
Um hostiario de doce alvura
Eu vejo em Vosso Profundo Olhar.

Quando me encontro com a amargura
Procuro allivio nas vaporosas
Incandescencias do Vosso Olhar.
E n'Elle eu acho toda a ventura,

Que acha o marujo nas bonanças
E murmurantes ondas do mar
Quando me encontro com a amargura
Procuro allivio no Vosso Olhar.

Ha n'Elle tudo o que se procura
De santo. e chammas tão piedosas
Não vi ainda num outro Olhar
Espanca as trevas mais pavorosas,
Clareia a noite por mais escura
E faz o proprio chaos rutilar
Tudo de santo que se procura
Eu vejo em Vosso Piedoso Olhar.

Fulge uma incrível. rica mistura
Das pedrarias mais preciosas
No cofre acceso do Vosso Olhar.
Então pergunto:—Deus, Quem apura
No Olhar riquezas miraculosas,
Pode ser ente commum, e amar?
Fulge uma incrível, rica mistura
De pedrarias no Vosso Olhar

Algumas vezes minh'alma jura
Ver duas pombas mysteriosas
Dentro do ninho do Vosso Olhar.
Possuem lindas azas niveas
E flue um casto mel de doçura
Do seu tranquillo, meigo arrulhar
Algumas vezes minh'alma jura
Ver duas pombas no Vosso Olhar

Vê outros vezes pela espessura
D'Elle — um palacio de fabulosas
Salas clareadas por Vosso Olhar.
E pela immensa, risonha altura,
Em vagas brancas e perfumosas,
Contempla o incenso se levantar
Vê outras vezes pela espessura
Subir o incenso do Vosso Olhar.

Mas, como tudo nem sempre dura,
Supplico asylo nas carinhosas
Praias do Vosso Calado Olhar,
Que suas doces luzes saudosas

Me encham de fogos a sepultura
E que Elle venha me amortalhar
Mas, como tudo nem sempre dura,
Supplico asylo no Vosso Olhar



X

PALLIDA e meiga, doce e modesta
E' minha musa, parece mais
Alguma freira, calada e honesta,
Rezando sempre na igreja em festa
Dos Idéaes.

A's vezes traja vestes garbosas,
Se enche de flores e de perfumes.
Na sua face rebentam rosas,
E tem nos olhos chammass radiosas
De vagalumes.

Voam abellas. pipilam ninhos
Dentro da sua boca gentil.
Tem a alma pura como os arminhos.
E' um campo cheio de passarinhos,
No mez de Abril.

Entrega aos ventos a longa trança,
Revolto oceano de vagas pretas.
Onde se occulta minha esperança .
E então persegue—doida criança —
As borboletas.

Depois se ajoelha, constricta e crente,
No altar doirado do meu porvir.
E que delicias ella não sente
Ao ver a sua reza fervente
Subir subir

Tece coroaas finas, brilhantes
Para as mulheres em que mais seismo.

Adorna algumas com diamantes
E outras com os lírios irradiantes
Do mysticismo.

Para coroar-Vos, ella—os espaços
Feitos de sombras e de clarões,
Cruzou, trazendo nos proprios braços
Um grande nimbo só de pedaços
De corações.

XI

SONHEI que estaveis morta, cruzadas
As Mãos no Peito,
De Faces Quietas e Regeladas,
Dormindo o somno do ultimo leito.

Vi conduzir-se no esquifesinho
Para o sepulchro
O Vossó Corpo, que era um arminho
Gelificado, cheiroso e pulchro.

Em toda a rua porque passava,
Se ouviam prantos.
Pois como ao seio de Deus voava
Tão cedo Aquella de Olhares Santos?

As criancinhas vinham em bando
Encher de rosas
O Vosso Corpo, que ia exhalando
Essencias doces e vaporosas.

Ramos de flores de laranjeira,
Jasmins nevados
Em torno à Vossa Fronte de cera,
Por sobre os Vossos Labios fechados.

Cahia a tarde. Lugubrememente
Chorava um sino
Em mim, dizendo placidamente:
—Morreu a Estrella do teu destino!

Chegaram todos ao cemiterio
E eu vi, tristonho,
Cahir no escuro leito funereo
A Rosa de ouro que foi meu sonho.

Chorando grito, chorando arquejo,
Na desventura.
E quando accordo—que magoa! —vejo
No esquite a minha triste figura.

XII

TRAJANDO roupas brancas, achei-A
No Seu jardim,
Por sob os raios da lua cheia,
Desabrochada flor de marfim.

Dizia a lua:

« Eu moro neste palacio immenso,
Tenho a tristeza casta dos goivos,

Que me foi dada, conforme penso,
Pelas que viram a morte crua
Roubar seus noivos.

E Dona Branca disse, tristonha:
— Trago nos Olhos os vossos brilhos,
Que têm os olhos de quem não sonha
Ou das mães, quando longe dos filhos.
Qualquer pessoa que Me vê — pensa
Que vê um ramo de violetas,
E (dizem) vossa luz se condensa
Na Minha Frente de Tranças Pretas.

Tornou a lua : — Dizem que existe
Vossa Tristeza Sagrada e Pura
Na minha face, que hoje é tão triste,
Como uma pedra de sepultura.
Todos os astros veem na minha
Luz — Vossa Magoa Santificada.
Julgam-Vos uma boa rainha,
Que do seu reino foi desterrada.

E Dona Branca disse: — Na terra
Me dão o nome de Dona Branca
Porque Meu Rosto Pallido encerra
A vossa chamma, que a noite espanca.
Eu sou tão pura como foi casta,
Segundo a Biblia, Nossa Senhora.
Leimbro um escriptorio no qual se engasta
O pranto amargo do homem que chora.

E a lua disse : — Sou como um ninho
Onde a piedade fez agasalho,
Vigio o somno do passarinho
E as flores todas encho de orvalho.
Essas velhiuhas que vagam pelas
Estradas frias, sem luz, nem casas,
Eu, carinhosa, vou aquecel-as
Por sob as minhas tepidas azas.

E Dona Branca disse: — No mundo
Todos Me adoram e Eu amo a todos.

Enxugo o pranto do moribundo,
Aplaco a furia cega dos doudos.
Quando Eu accordo, se abrem as flores,
Dentro dos ninhos cantam as aves,
Vejo alleluias e resplendores,
Ouço harmonias proprias das naves.

E disse a lua : — No mundo busco
Alguem que as dôres que sinto — sinta,
Em mim ha nevoas de lusco-fusco,
Cinzas de alguma cratera extincta.
Procuro em meio da natureza
Alguem que as minhas magoas entenda,
Vivo qual uma triste princeza
Encarcerada, como as da lenda.

E Dona Branca disse : — Sois bôa
Como estas freiras religiosas,
Dais-me a lembrança duma lagôa
Onde andam nymphas deliciosas.

Por isso os homens, por isso os poetas
Proclamam tanto vossa candura.
— Oceano de aguas frias e inquietas
— Santo cordeiro de lactea alvura !

Então a lua disse :— Divina
Julgam-Vos todos os anjos, Santa !
Vendo-Vos, esse mundo se inclina.
Qualquer estrella vendo-Vos — canta.
Os astros fitam mudos e crentes
O Vosso Rosto que Deus encerra:
E invejam muito todos os entes,
Que vivem perto de Vós. na terra.

E Dona Branca disse : — Na Fronte
Guardo thesouros proprios dum anjo,
A infinda curva deste horisonte
Nos Meus Olhares Tristes abranjo.
Vendo-Me, os homens dobram os joelhos
E rendem graças a Esses Meus Labios,
Que são mais roseos do que vermelhos,
Que attrahem crianças e enganam sabios.

E disse a lua : — Sois Vòs de certo
A que procuro; quero, em meus braços,
Trazer o Vosso Rosto coberto
De beijos dados nestes espaços.
E Dona Branca tornou : — Meu Peito
Abre-se para conter o vosso.
Eu julgo o espaço bastante estreito
Para o tamanho do affecto nosso.

A lua e Dona Branca, ao mesmo tempo :

Tres vezes salvé! noite bemdita,
Astros de brilhos quentes e glabros,
Que tremeis nessa torre infinita,
Em uma fila de candelabros.
Sobem unidas ao céo a Lua
Da terra e a lua do espaço enorme.
Rebentem flores na praia nua!
Desperte rindo tudo o que dorme!

Uma voz :

Parai! Os poetas viver não podem
Sem Dona Branca de Olhar Tristonho,

Vede como elles, doudos, sacodem
Os braços, vendo fugir seu sonho?
Sem Vós — a terra ficará feia.
Descei, oh Dona Branca formosa,
Que muitos raios da lua cheia
Levais nos Olhos de luz saudosa.

Brilhai, oh lua, no céu qual uma
Desabrochada flor de marfim,
Emquanto Dona Branca perfuma
O Seu jardim.

CONFIDENCIA

Aos quatorze annos parti, sorrindo,
Na ermida em festa das illusões,
Porque a miragem dum sonho lindo
Me desvendava novas regiões.

Ficou sem luzes, incenso e flores
A padroeira do meu futuro ;
Não tive pena dos meus amores,
Deixei a ermida toda no escuro.

Nas minhas scismas crescia meiga
A tenra planta duma chimera,
Bem como surgem por sobre a veiga
Trigaes e ninhos, na primavera.

Era-me escudo, broquel e amparo
A estrella incerta desta esperança.
Mas tal engano, que não é raro,
Acho perdoavel numa criança.

Parti Os anjos da crença tanto
Me lastimaram, quando parti
Vi os seus rostos cheios de pranto,
Cheio de risos meu rosto vi.

Segui, ouvindo risadas loucas,
Cujo barulho me acompanhava.
Cantando estavam todas as bocas.
Toda a minha alma cantando estava.

Duma palmeira verde e bizarra
Vinha vibrante canção tremenda,
Que ciciava certa cigarra.
Que tinha as azas feitas de renda.

E os lírios, como dando um conselho,
Então falaram de entre a folhagem :
E's creança e, quando fores mais velho,
Farás, pedimos-te, essa viagem.

Foge ! que as serpes já se alvoroçam
Dentro dos antros, como galés.
E eu respondi-lhes : — Por mais que possam,
Talvez nem possam morder-me os pés !

Elles, sabendo que eu proseguia.
Choraram tanto que emmurcheceram.
No céu raiava triumphal — o dia.
Porém as aves emmudeceram.

Olhei. Estavam todas em resa,
Contritamente, dentro dos ninhos.
E eu não domava minha surpresa
Vendo resarem os passarinhos.

E elles disseram : —« A Deus rogamos
Voltes á terra de onde partiste.
E's poeta, e o poeta de irmão chamamos,
E somos tristes, quando elle é triste! »

Esta viagem suspende agora,
Que ella mais tarde ser-te-á fatal... »
E eu disse : Salvé, fulgor da aurora,
Que o céo transformas num papoílal !

E elles tornaram, rufando as azas :
— Não é a aurora, poeta, o que fitas.
Não são papoilas — aquellas brazas.
Nem ouro — aquellas chammas maldictas.

« Não vós nos ares — sangue? Pois deve
Ser o assassinio do sol, que sente
A morte, e a noite virá, em breve,
Encher o espaço completamente.

« E. para em cinzas tornar-se o fogo
Da tua crença férvida, sobre-o
O Tédio. A' ermida não voltei logo
Por ver ferido meu amor proprio.

Já receioso, trazendo na alma
Bruxoleiante do sonho a luz,
Segui. Morria, de face calma,
O sol glorioso, como Jesus.

E a noite aos poucos surgiu, povoando
De sombras vagas o espaço todo.
Minh'alma estava douda ficando.
O poeta estava ficando doudo!

Não vi mais aves nas alamedas,
Nem a luz fulva da madrugada.
Só tã'm espinhos — essas veredas,
E' cheia de urzes toda essa estrada.

Num labyrintho negro, perdido
Estou, e delle ninguem me arranca.
E, ao doce brilho do luar dorido,
Tenho saudades da ermida branca.

E, ao ver a lua na immensidade,
Julgo ver Minha Mãe a resar,
Para abrigar-me da tempestade
Com o fluido santo do Seu Olhar.

POST-SCRIPTUM

GRAVEI, cuidadoso, quatro mulheres
Nos alabastros dos versos meus.
Poeta, no mundo, que inda mais queres?
Quem ama a tantas é como Deus.

Pintei Seus Rostos Maravilhosos,
Enchi de estrellas os Seus Olhares,
Deitei-Lhes nimbos esplendorosos.
São quatro santas em quatro altares

Mostra a Primeira na Loira Trança
Um sol sem uma nódoa sequer.
Possue a graça duma creança
E a magestade duma mulher.

Guarda a Segunda — noites escuras
Em as Madeixas Abençoadas..
Mostra a maldade das creaturas
Junto ao encanto proprio das fadas.

De tão formosa lembra a Terceira
Algum capricho do Creador
A Sua Pelle combure e cheira,
São Seus Cabellos — um resplendor.

A Quarta é como nivea camelia,
Que surge longe das outras plantas.
Tem a belleza que teve Ophelia,
E o mysticismo que têm as santas.

A Carne d'Esta lembra as espumas,
Que, sobre as aguas, florindo vão.
No Olhar d'Aquella se esgarçam brumas.
Ess'outra é quente como o Verão.

Uma pompeia nos Duros Seios
Ô viço e a força das primaveras.
Outra recalca febres e anceios
No sangue, que arde como crateras.

Lança a Primeira dos Olhos — ondas
De ouro, a Segunda — noites sem fim.
Tem a Terceira Formas Redondas,
Mas As da Quarta são de marfim.

Só penso n'Ellas durante o dia,
E toda a noite por Ellas chamo,
Qual uma triste rola erradia,
Que vae cantando, de ramo em ramo.

NOTAS.

Este livro, que tem a prioridade na publicação, não foi o primeiro que compuz. Escrevi o *Hostiario* de 1896 a 1897, quando já estavam promptos as *Flammulas* e os *Poemetos*. Se o prefiro aos outros para a minha estréa é porque o acho o mais sincero de todos, embora a uniformidade do metro e do assumpto possa tornal-o enfadonho. Quanto ao primeiro caso, tenho a declarar que usei propositalmente d'um só *rhythm*o de verso, competindo ao leitor dizer se eu soube, ou não, desfarçar a monotonia que talvez d'ahi provenha. Relativamente ao assumpto...

* * *

O pequeno trecho que vem na capa e no frontispicio deste livro é extrahido d'um dos artigos que Mucio Teixeira escreveu ao meu respeito e que foram publicados no «Jornal de Noticias» desta Capital, em Setembro de 1896 e na «Cidade do Rio», em Novembro de 1897.

* * *

Escaparam muitos erros, de pontuação principalmente, que o leitor poderá corrigir com facilidade.

Entre outros ha o seguinte:—Pag. 164, tercetto 2.º, onde se lê:

... é este o motivo
De ver a sua bocca sorrindo.

Leia-s :

...e este é o motivo
De eu ver a sua bocca sorrindo.

F. M.

INDICE



DEDICATORIA.

5

DONA LAURA

I—Os versos que ora, cuidadoso, escrevo.	9
II—Quando viestes, os passarinhos.	13
III—Accordei hontem de madrugada	15
IV—Sois tão formosa, tão decantada	19
V—São os Seus Olhos cor da esperança.	23
VI—As minhas crenças são passarinhos.	27
VII—Mãos de princeza, Mãos Delicadas	31
VIII—Toda de preto me parecia.	35
IX—Sois uma fina	39
X—Eu sou um Novo Christo, Senhora.	43
XI—Se Dona Laura soubesse quanto .	47
XII—Eu sei que os homens sorriem todos	51

DONA LEONOR

I—Nestas poesias eu Vos proclamo	57
II—Agora vivo, dia apoz dia,	61
III—Houve em minh'alma	65
IV—Vivo isolado; não vejo flores	69
V—Não ha no espaço noite mais negra.	73
VI—Eu vivo dentro dum Campo-Santo	77
VII—Apezar d'Estes Olhos e d'Esta.	81
VIII—Os passarinhos gorgeliam, quando.	85
IX—Fui encontrar-Vos numa janella.	91
X—Palpitam chammas, gorgeliam aves.	93
XI—Então não cantas?--a um passarinho	97
XII—Minha Formosa Senhora, um poeta.	101

REGINA !

I—Palpitem luzes no espaço inteiro!	109
II—Quando nas salas, tremulo, vejo	113
III—Passastes cheia de luz, trazendo	117
IV—Sois uma cobra que anda de rastro.	121
V—Tendes na Boca philtros divinos.	125
VI—Já me disseram que Vossa Trança	129
VII—Na festa... Toda de branco... Nunca	133
VIII—Rides... E eu penso que Este Sorriso	137
IX—Em alegrias forte prorompa	141
X—Venho de longe, peregrinando.	145
XI—Sinto ruidos dentro do peito .	149
XII—Não me recordo qual foi o dia .	153

SANTA!

I—Abram-se as portas aureas do Templo	159
II—Vistes aquelle caixão funereo	163
III—Tendes nas Tranças Bastas e Escuras	167
IV—Sois mysteriosa, viveis sonhando,	171
V—Sois uma santa! Do céo viestes	175
VI—Ella resava constrictamente	179
VII—Não conto a historia da minha vida.	183
VIII—Conhece D. Branca a amargura	187
IX—Tendes orgulho desta luz pura.	191
X—Pallida e meiga, doce e modesta	197
XI—Sonhei que estaveis morta, cruzadas	201
XII—Trajando roupas brancas, achei-A.	205
CONFIDENCIA.	213
POST-SCRIPTUM.	221
NOTAS	229

DO MESMO AUCTOR

FLAMMULAS (versos)	1894-1896
POEMETOS	1894-1896
S. THERESA DE JESUS (prosa)	1897
EM CANUDOS (verso)	1897-1898







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).